



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2020
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	Gilles Deleuze e Ana Hatherly: traços d'A dobra em Leonorana
<b>Autor</b>	BIANCA RAUPP MAYER
<b>Orientador</b>	ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR

Gilles Deleuze e Ana Hatherly: traços d'A dobra em *Leonorana*.

Autora: Bianca Raupp Mayer

Orientador: Antonio Barros de Brito Junior

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta pesquisa busca estudar a literatura de Ana Hatherly à luz das ideias Gilles Deleuze. Desse modo, é proposta deste estudo aproximar leituras da obra *Leonorana*, de Ana Hatherly, a interpretações deleuzianas que tangem ao conceito de Barroco, as quais aparecem, sobretudo, em *A Dobra: Leibniz e o Barroco*, de 1991. Assim, com a leitura da obra "*Anagramático*", publicada em 1970, constituída pelo *Livro I – A maldade semântica (1966-68)*, pelo *Livro II – A detergência morosa (1966-68)*, pelo *Livro III – Leonorana (1965-70)* e pelo *Livro IV – Metaleitura (1968-69)*, percebeu-se que principalmente no *Livro III* há certa aproximação com as ideias propostas por Deleuze em *A Dobra*. Portanto, é dado como princípio desta pesquisa a ideia deleuziana de que o Barroco é a própria dobra e, logo, a literatura barroca tenderia a dobrar-se em direção à poesia visual. Para isso, obras teóricas da própria autora a respeito do Barroco e de textos visuais portugueses do século XVII e XVIII tornam-se essenciais — dentre elas, especialmente as obras *A experiência do prodígio*, de 1983, *Poesia incurável*, de 2003, e, mais ainda, a obra *Esperança e Desejo – Aspectos do pensamento utópico barroco*, de 2016, em que Hatherly faz literais referências a Deleuze. Ademais, também com o aparato teórico das obras deleuzianas *O que é a filosofia?*, de 1992, e *Diferença e Repetição*, de 1988, busca-se entender *Leonorana* como arte constituída pela variação e pelo perspectivismo, assim, não constituída pelo objetivo de uma finalidade, mas pela sua eterna potência, uma vez que "a própria potência é ato, e é o ato da dobra" (DELEUZE, 1991, p.17).